

A via da dor

O martírio
de Cristo em
14 poemas

Nesta edição

- | | |
|---|---|
| 2 — Opinião
Editorial | 13 — Via Dolorosa
Eno Teodoro Wanke |
| 3 — Entrevista
Victor Alegria | 14 — Grande Otelô
J. Antonio |
| 4 — Pedras de Minas
Agenor Gonzaga dos Santos | 15 — Paranoá
Valter Pedrosa |
| 5 — Modernismo — Cabo Verde
C. Nunes | 16 — Paranoá
Valter Pedrosa |
| 6 — Modernismo — Cabo Verde
C. Nunes | 17 — Artigo
Jason Tércio |
| 7 — Transfinito
R. de Melo Souza | 18 — Artigo
Jason Tércio |
| 8 — Transfinito
R. de Melo Souza | 19 — Poesia Visual
Vários |
| 9 — Transfinito
R. de Melo Souza | 20 — Poesia
Vários |
| 10 — Movimento Verde
Ronaldo Cagiano | 21 — Poesia
Vários |
| 11 — Movimento Verde
Ronaldo Cagiano | 22 — Poesia
Vários |
| 12 — Via Dolorosa
Eno Teodoro Wanke | 23 — Cartas |
| | 24 — Parque de Los Poeta |

□ Victor Alegria

As idéias ousadas de um editor

Victor Alegria, 57 anos de idade, 30 anos de Brasília. Incansável na sua mania de lutar pelos escritores de Brasília, marginalizados pelos grandes grupos do mercado editorial brasileiro. Para tanto, conta com sua pequena editora — a Thesaurus — e uma grande ousadia. Ousadia, aliás, que já lhe concedeu o título de ter sido o único editor preso pela ditadura, apenas porque era audaciosamente um editor. Entrevistá-lo é fácil porque não lhe faltam histórias e conhecimento do assunto. Difícil é “discipliná-lo” para uma entrevista, posto que gosta de falar ininterruptamente, ainda com um sotaque lusitano bastante carregado.

Esta entrevista deixa-nos ver um pouco da sua ousadia, apaixonada e honesta. Fez críticas e sugestões ao DF Letras; não poupou os grandes grupos e, para finalizar, sonha em reunir na cidade os maiores nomes da literatura mundial.

□ Luís Rocha
Jornalista

DF-Letras — Como é que um conhecido incentivador da literatura recebe o Suplemento Cultural da Câmara Legislativa?

Vitor — Com alegria e críticas. O DF-Letras não fala de Brasília que é a cidade com maior número de prêmios literários. E eles não aparecem no DF Letras!

O Sr. acha que não?

Não com a frequência que merecia. O DF-Letras tem que propiciar informações aos escritores de Brasília. Dizer dos prêmios literários nacionais, para que nossos escritores — os mais premiados nos últimos anos — tenham a oportunidade de concorrer a tempo.

Brasília é mesmo esse celeiro ou há um pouco de ufanismo e paixão de sua parte?

Acho que o número de escritores de qualidade no Distrito Federal está aumentando todos os anos. Uma prova disso são os prêmios recebidos de instituições como Academia Brasileira de Letras, o Bional Nestlé e o prêmio da Associação de Críticos de São Paulo.

Cite alguns dos premiados?

Hélio Póvoas Junior, Luiz Manziolillo, Antônio Carlos Osório, Carrazé, Cassiano Nunes e outros que foram premiados nos dois últimos anos.

Ainda com relação ao DF-

Letras, que outras críticas e sugestões?

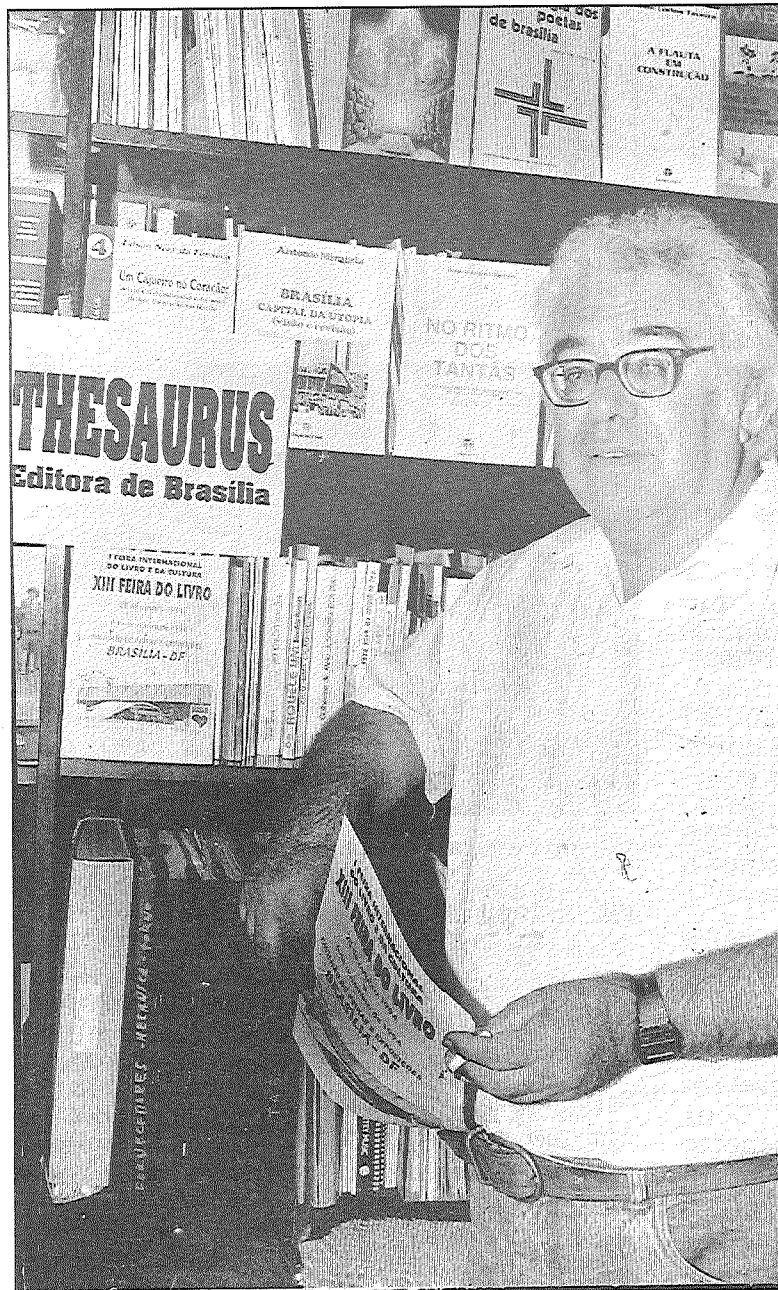
O Suplemento deveria mostrar que no Brasil se publicam livros que não são só os “Best — Sellers”, pois estes têm garantido a sua divulgação pelo poder de fogo das grandes estruturas editoriais. O Jornal deve trazer informação editorial sobre os livros publicados no mês anterior. Marcar uma presença constante nos eventos que congregam escritores, mostrando de maneira independente uma crítica honesta e construtiva, tirando o escritor brasileiro da marginalidade a que o relega a falta de divulgação costumeira.

Como habitualmente percebemos nos jornais diários?

Os jornais diários dão poucas informações, em virtude de não terem páginas literárias. Além disso, os jornais pensam muito em termos de custos editoriais. E depois é preciso haver a consciência de que a divulgação do documento escrito é essencial ao jornalista e ao escritor.

Com todas essas dificuldades, digamos estruturais, não falta o que fazer à câmara do livro.

Criamos a Câmara do Livro do Brasil Central com os seguintes objetivos, entre outros: Promover as associações dos amigos das bibliotecas públicas e privadas; lutar para que o Estado dissemine bibliotecas públicas nas cidades-satélites e entorno, mas de forma que essas bibliotecas se integrem com a comunidade, de



Alegria: O DF Letras tem que falar mais em Brasília

molde a manterem um acervo dinâmico e atualizado; conscientizar a rede de livreiros de que o autor brasileiro merece ser exposto; e sugerir aos jornais a criação de páginas literárias com profissionais de reconhecida qualidade e independência de julgamento.

Na sua avaliação, as universidades preparam esses profissionais para o jornalismo cultural?

Não. Um dos termos propostos na Feira do Livro é um debate sobre o jornalismo cultural. Como preparar esse profissional e como incentivá-lo? Além disso, não cremos que o jornalista possa sofrer qualquer tipo de concorrência, porque acredito que ele possa aliar-se e convidar articulista de alto mérito para escrever na sua coluna.

O Sr. faz restrições ao diploma?

É impossível um profissional ter uma visão enciclopédica. Jornalista tem que saber escrever. Tem de transmitir os problemas e anseios da sociedade onde vive. Eu penso que esse corporativismo que hoje existe cederá lugar à lógica de que o acesso ao jornalismo se fará pela qualidade, e as escolas terão o mérito de preparar jornalistas para toda uma estrutura técnica e editorial diferente, que é a comunicação. E, finalmente, vale lembrar que existem grandes escritores jornalistas e grandes jornalistas escritores.

Afinal, onde estão os vilões de um mercado editorial sabidamente pobre?

As estruturas editoriais no País, desde há vinte anos, estão ligadas a grandes grupos econômicos e, obviamente, a grandes interesses. Assistimos, com vergonha, acabar a Campanha Editorial Nacional, criada por Monteiro Lobato. Assistimos a José

Olimpio Editora ser adquirida por um diretor da xerox. A Editora mais antiga do Brasil — a Francisco Alves — praticamente desapareceu...

O que o Sr. quis deixar nas entrelinhas? A Editora desapareceu mas não foi extinta? Foge do fisco?

São coisas delicadas. Preferia falar com maior conhecimento de causa. Num outro contexto. É preciso haver seriedade e prudência em certas declarações.

E o grande vilão?

O papel. O papel é exportado a U\$ 380 ou U\$ 400; no entanto, é vendido no mercado interno a U\$ 800 à vista. Se for a prazo chega a atingir U\$ 1.400, o que torna o papel o grande vilão da indústria editorial. Não esquecendo que os insumos do livro, em sua grande maioria, são importados. Nem nos esqueçamos de que nossa rede de livrarias é mínima em relação à extensão territorial brasileira.

E a inflação?

Caso seja vendido para os distribuidores em 60 dias, o preço final do livro imbuete a previsão de uma inflação futura que, nos últimos meses, chegou a 90%. Assim o multiplicador de custos para edição normal que deveria ser de 3,5 a 5 passa a ser de dez e até 15.

Com todas essas dificuldades, como o Sr. trabalha quietos pelos livros?

É simples. Não vivo da editora. Seria impossível. Contudo, uso criativamente a ociosidade gráfica. Hoje, usando processos técnicos que unem alta tecnologia informatizada ao mais puro artesanato, produzimos pequenas edições a preços competitivos, assegurando assim a saída das gavetas da maior parte dos textos que têm a possibilidade de ser julgados pelo único juiz válido: o leitor.

Antes que nos falte espaço, falemos da 1ª Feira Internacional do Livro e da Cultura.

De 28 de outubro a 06 de novembro, Brasília vai reunir, numa experiência única, os expoentes de todos os países. São nossos convidados dois grandes escritores que participarão do Governo Mandela. Um deles, o Prêmio Nobel Nadine Gordimer.

E isso faz de Brasília a capital da Cultura?

Isso mostra que Brasília não é uma cidade de corruptos. Mostra que aqui vivemos, trabalhamos e produzimos cultura. Mostra que temos uma alma.